Reencontro e despedida

Renata Pallottini

Meu primeiro encontro com Augusto Boal professor aconteceu em 1962, na Escola de Arte Dramática (EAD), então sediada na Avenida Tiradentes, diante da tradicional Rua das Noivas. Eu estava voltando de uma bolsa de estudos em Madri, mas já tinha tido contato com o seu trabalho, na oportuna volta por cima que o Teatro de Arena tinha dado a partir de *Black tie* e *Chapetuba*, com ele e José Renato.

Já sabia a respeito do Boal dramaturgo, iniciante, testando as armas. O melhor, como sabemos, viria depois.

Mas o que me interessa focalizar aqui é o mestre. Eu, que já vinha de duas boas faculdades, a de Direito, de São Francisco e a de Filosofia, da PUC, fiquei surpreendida com a energia e a dedicação que esse rapaz imprimia a seu trabalho. Boal tinha então por volta de trinta anos, estava voltando dos Estados Unidos, onde havia feito o que lhe interessava: estudar dramaturgia. Vinha cheio de idéias novas e mantinha a velha idéia: lutar pelos que estavam sendo sacrificados, lutar com as armas de que ele dispunha: a arte e o teatro.

Dava aulas duplas, à noite, conforme o horário tradicional da EAD: de sete às onze da noite, com direito a extensão durante ensaios. Boal trabalhava de sete as nove, mais ou menos, transmitindo sem parada a sua experiência, as suas descobertas e exigências, e fumando um cigarro atrás do outro. Ele literalmente acendia um novo cigarro na ponta do primeiro e assim ia falando, perguntando, respondendo. Nós, os alunos, extasiados, bebíamos as palavras dele e íamos, conforme as oportunidades e as solicitações, escrevendo e reescrevendo nossos textos. Com certeza, a versão definitiva de *O santo milagroso*, grande sucesso de Lauro Cesar Muniz, e também a de *O crime da cabra*, meu texto, depois premiado, devem muito a essas verdadeiras fontes de conhecimento e reconhecimento.

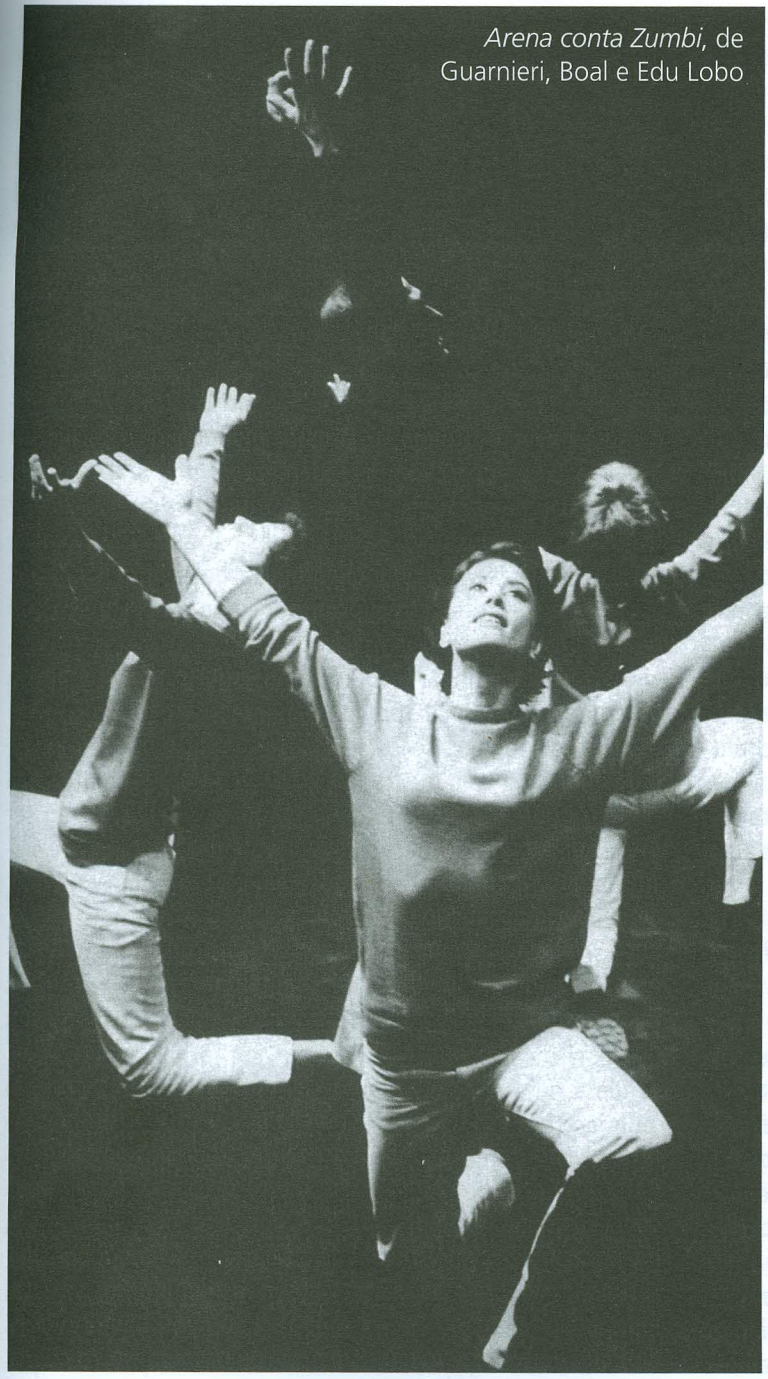
Mas tudo que é bom tem fim. Terminou o curso, saímos para a luta, os tempos passaram e eu fui mais ou menos obrigada a preparar uma tese de doutoramento. Por esse tempo, 1981/82, estava dando aulas na Escola de Comunicações e Artes, Departamento de Artes Cênicas. Tínhamos passado pelos anos duros de 1960/70, com maiores ou menores ferimentos. Boal tinha sido preso, exilado, tinha trabalhado com seu Teatro do Oprimido em vários lugares do mundo. Era naquele momento diretor do *Centre d'étude et de diffusion des techniques actives d'expression* (CEDITADE), um homem de teatro de expressão internacional. Tinha publicado, em 1975, o livro que era, em grande parte, correspondente às lições que nos tinha dado.

Escusa dizer que meu exemplar de *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*, edição da Civilização Brasileira, está todo anotado, riscado e rabiscado; ali eu encontrava de novo o meu mestre e as aulas, as quais tinha tido a sorte de assistir.

Mas ainda tinha algumas dúvidas e elas só podiam ser sanadas por quem tinha me falado pela primeira vez a sério das revelações hegelianas para a Poética, e nas suas relações com Marx e Brecht depois. Tinha que ser Boal. Por isso, redigindo a tese que depois iria redundar no livro *Introdução à dramaturgia*, publicado pela Editora Brasiliense em 1983, escrevi para o meu amigo, querendo tirar uma dúvida a respeito de algo que ele nos tinha ensinado em 1962/63.

A resposta veio logo, e era vazada no mesmo tom que ele nos tinha ensinado a reconhecer: simples e direto.

Eu perguntava qual era a origem das leis do drama, oriundas de Hegel e aplicáveis inclusive ao drama aristotélico, leis que ele nos tinha dado a conhecer e explicado naquele curso da EAD. Essas leis passaram a ser utilizadas por todos nós para a análise de textos importantes e criação de novos textos. E de sua eficácia e praticidade, passamos desde alunos a ter provas antes mesmo de podermos, a rigor, conhecer as suas origens e entender suas



Arena conta Zumbi, de Guarnieri, Boal e Edu Lobo

bases teóricas.

Veio a resposta:

> *"Pelo que me lembro, tentei adaptar (ou sistematizar) os conceitos hegelianos dentro das quatro Leis da Dialética, e deu nisso:*
>
> 1. *lei do Conflito*
> 2. *da variação quantitativa (ação dramática);*
> 3. *variação qualitativa;*
> 4. *interdependência ."*

A carta era datada de Paris: 1° de janeiro de 1981. Maravilhoso. Um professor e estudioso, sempre agindo, dirigindo, orientando, dedicar o seu primeiro dia do ano a elucidar uma velha aluna.

Sua eficiente explicação consta da minha tese de doutoramento e, claro, daquela edição e das subseqüentes edições do texto sobre dramaturgia que eu tinha preparado para publicação.

Da generosidade, da atenção para com uma antiga discípula, dão provas essas poucas linhas. Pude depois visitá-lo no Rio, no seu apartamento do Arpoador. Estava doente, porém mantinha o otimismo e o espírito de luta que o caracterizaram sempre.

Perdemos esse homem lutador e consciente; isso é o imponderável. Mas aí estão suas lições de teatro e de vida. Resta-nos acompanhá-las, porque são dignas da nossa lembrança e da nossa admiração.

Renata Pallottini é dramaturga, ensaísta, poetisa e tradutora brasileira. Autora do ensaio Introdução à dramaturgia *(Ática, 1983) e dos textos teatrais* Crime da cabra *(1965) e* Pedro Pedreiro *(1986), entre outros.*